

**Universidade de Taubaté**

**Isabella Cássia Batista da Matta**

**Ideologia nazista e a resistência:  
uma lição a não ser esquecida**

**Taubaté – SP**

**2021**

**Isabella Cássia Batista da Matta**

**Ideologia nazista e a resistência:  
uma lição a não ser esquecida**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do certificado de Graduação do Curso de Licenciatura em História do Departamento de Ciências Sociais e Letras pela Universidade de Taubaté.

Orientador: Prof.º Me. Armindo Boll

**Taubaté – SP**

**2021**

**Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi  
Universidade de Taubaté - UNITAU**

M435i Matta, Isabella Cássia Batista da  
A ideologia nazista e a resistência : uma lição a não ser  
esquecida / Isabella Cássia Batista da Matta. -- 2021.  
44 f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,  
Departamento de Ciências Sociais e Letras, 2021.  
Orientação: Prof. Me. Armindo Boll, Departamento de  
Ciências Sociais e Letras.

1. História contemporânea. 2. Nazismo- Resistência.  
3. Ideologia. 4. Propaganda. I. Universidade de Taubaté.  
Departamento de Ciências Sociais e Letras. Curso de História.  
II. Título.

CDD – 943.086

**ISABELLA CÁSSIA BATISTA DA MATTA**

**A ideologia nazista e a resistência: uma lição a não ser esquecida**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do certificado de Graduação do Curso de Licenciatura em História do Departamento de Ciências Sociais e Letras pela Universidade de Taubaté.

Orientador: Prof.º Me. Armindo Boll

**Data: 08/ 03/2021**

**Resultado: Aprovado**

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Me. Armindo Boll

Universidade de Taubaté

Assinatura:

Prof. Dr. Edson Trajano Vieira

Assinatura:

Prof. Dr. Isnard de Albuquerque Câmara Neto

Assinatura:

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho à minha mãe, Sandra, que trabalhou cansadamente todos os dias para me ver formada, esteve comigo em todos os momentos de crise durante a realização desse trabalho, me motivou a continuar e não desistir da faculdade em momento algum. Devo toda a minha vida a você!

## AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Maurício Cezar, meu maior amigo e ouvinte que acreditou em mim mais do que qualquer pessoa e que me mostra diariamente que eu posso ser muito mais do que eu imagino.

Agradeço ao meu primeiro orientador Prof. Me. Armindo Boll, grande mestre e amigo, me ajudou durante toda a faculdade e especialmente na realização desse trabalho. O convite para a parceria em uma pesquisa foi o ponta pé inicial para eu entender o meu lugar na História.

Ao Prof. Dr. Edson Trajano pelos conhecimentos sobre economia e história compartilhados conosco e, que aceitou fazer parte dessa banca, enriquecendo o trabalho com suas contribuições.

Ao Prof. Dr. Isnard Câmara, por aceitar compor a banca desse trabalho e também por me ajudar tanto com a História do Brasil durante o curso.

Aos professores Mauro, Rachel, Silvio, Suzana, Moacir, Fátima, entre outros que me ensinaram tanto durante essa graduação, me acolheram e demonstraram na prática o amor pela profissão de professor de História.

A todos os meus tios Nenê, Sônia, Elaine, Eliane e os demais familiares que me ajudaram com conversas sobre o curso com palavras de conforto e motivação e, ao meu irmão, que mesmo distante, sempre se mostrou tão orgulhoso de mim. À minha avó Geni, por me ensinar a ver o lado bonito e feliz da vida, sendo sempre tão amorosa e cuidadosa comigo.

Aos meus colegas da faculdade, em especial o grupo Raça de Víboras: Ana, Leticia, Felipe, Anderson, Murilo, Pedro, Thiago e Natasha, que me auxiliaram muito na pesquisa e escrita desse TG e que sou grata demais pela faculdade ter me dado esses presentes.

Ao Colégio Objetivo e todos os profissionais da educação que me acolheram durante meu ensino fundamental, ensino médio e durante o meu estágio da faculdade que quis realizar nessa escola que tanto amo. Agradeço especialmente os professores Bruno Busnardo e Gislene, por me ensinarem história por tantos anos e me apoiarem durante o estágio com eles, e, à querida professora Cidinha, que me apresentou a História e o amor pela matéria e pela educação.

Aos meus amigos Mafe, Emilly, Gustavo Maximino, Gustavo Alexandre e a minha prima-irmã Bruna, que mesmo não fazendo parte do curso de história me ajudaram muito na realização desse TG, até mesmo quando eu precisava apenas desabafar sobre o quão difícil estava sendo.

Ao meu avô Maurício (in memorian) que tentou estar presente em todos os momentos mais importantes da minha vida e sempre deixou tão claro pra mim o quanto me amava e sentia orgulho de mim.

Ao Programa Escola da Família, que fui bolsista durante um longo período da faculdade e ao professor Maurinho, que me ajudou tanto durante esse tempo de bolsa. Sem o Programa eu não teria me formado e não teria uma noção maior sobre a realidade da escola pública.

A Deus, que me fortaleceu durante toda essa caminhada que é a vida.

“O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. “

Walter Benjamin.

## RESUMO

O presente trabalho procura analisar como se deu o processo histórico da formação do nazismo, seus seguidores e os que questionaram e resistiram a ele. A metodologia utilizada na nossa pesquisa foi a da revisão bibliográfica e também cinematográfica, onde foram estudados livros e artigos relacionados ao contexto histórico da Alemanha, ao nazismo, sua doutrina, propaganda e, por fim, a resistência a essa ideologia. Observamos alguns elementos pontuais da história da Alemanha, focando nos motivos que levaram a maioria da população aceitar e apoiar a nova doutrina como também destacamos os inimigos declarados do governo nazista e os intelectuais os quais, através da produção acadêmica e artística, lutaram e divulgaram as ações nefastas do nazismo e da propaganda utilizada para convencer a grande maioria da população alemã. Esta ideologia não se formou de uma hora para outra, mas sim, foi fruto de um processo de longa duração e que suas doutrinas foram inculcadas aos poucos na mentalidade do povo alemão. Além disso, demonstramos como a propaganda foi de grande importância para a consolidação da ditadura nazista e, também, como foi firme a crítica e a resistência aos seus pressupostos.

**Palavras-chave:** História Contemporânea, Nazismo, Ideologia, Propaganda, Resistência.



## **Abstract**

The present project seeks to analyze how the historical process of the formation of Nazis, their followers and those who questioned and resisted it took place. The methodology used in our research was the bibliographic and cinematographic revision, where books and articles related to the historical context of Germany, Nazism, its doctrine, advertisements, and finally, the strong resistance to this ideology were studied. We observed some elements in Germany's history, focusing on the reasons that led the majority of the population to accept and support the new doctrine, as well as highlighting the declared enemies of the Nazi government and the intellectuals who, through academic and artistic production, fought and publicized the harmful actions of Nazism and propaganda used to convince the vast majority of the German population. This ideology was not formed overnight, but it was the result of a long-lasting process and that its doctrines were gradually instilled in the mentality of the German people. In addition, we demonstrate how advertisement was of great importance point to Nazi's consolidation dictatorship and also, how strong the criticism and resistance was to its assumptions.

Keywords: Contemporary History, Nazism, Ideology, Advertising, Resistance.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. As causas para o surgimento do nazismo: O processo histórico de formação.....</b>	<b>13</b>
1.1 Os Antecedentes da Alemanha: do Ducado de Brandemburgo à Alemanha Unificada.....	13
1.2 A Provocação do Tratado de Versalhes como motivação.....	17
1.3 A crise de 1929 e as consequências para a Alemanha.....	21
1.4 Adolf Hitler .....	23
<b>2. As Ideologias Nazistas.....</b>	<b>27</b>
<b>3. As estratégias publicitárias.....</b>	<b>31</b>
3.1 Joseph Goebbels e o poder da propaganda.....	31
3.2 Documentário Triunfo da Vontade.....	32
3.3 O apoio das multinacionais .....	35
3.4 As Resistências à ideologia nazista.....	37
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>42</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

**Imagem 1:** Hitler mostrado como astro de cinema em cartaz eleitoral  
..... **26**

**Imagem 2:** Joseph Goebbels discursa na noite da queima dos livros.  
..... **32**

## INTRODUÇÃO

Compreender as causas do nazismo e sua ideologia faz-se necessário para qualquer pessoa na atualidade, uma vez que os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial influenciaram toda a existência humana após eles. Acreditamos que o professor de história tem a responsabilidade de entender esse tema com lucidez e profundidade, procurando desvelar o subjacente a essa ideologia, seu alcance e suas falácias, a fim de contribuir na construção de uma consciência crítica sobre esses acontecimentos na tentativa de não permitir sua repetição nunca mais.

Esse tema é fruto de um grande desejo pessoal e acadêmico, pois sempre tive um grande interesse sobre a história do século XX, em compreender o nazismo e a Segunda Guerra Mundial, seus desdobramentos e consequências no mundo contemporâneo. Além disso, sempre quis entender como a ideologia nazista, que contribuiu para matar milhões de pessoas e gerar tanto ódio coletivo, se tornou tão atraente para tantas pessoas e conquistou tantos adeptos em todas as classes sociais, das elites às massas.

Hoje quando pensamos na Alemanha nazista, a primeira pergunta que nos vem à cabeça é “Como tantas pessoas puderam ser conviventes com essa ideologia?”. Para conseguir chegar a uma possível resposta devemos nos atentar aos detalhes dos acontecimentos no qual ela irrompeu já que é muito difícil, mas necessário, se colocar no lugar do outro – alteridade – ou até mesmo, imaginar como era viver na Alemanha nazista. Para tanto, se faz necessário compreender com profundidade e de maneira crítica as causas do seu surgimento, as motivações e as consequências da ideologia nazista.

A metodologia utilizada foi a de revisão bibliográfica, com leitura e análise de livros e artigos que contribuíram com o nosso trabalho. Destacamos os autores Eric Hobsbawm, Hannah Arendt, Norbert Elias, Laurence Ress, Bertolt Brecht, John Keynes e Ben Urwand. Além disso, foram utilizados artigos publicados em revistas e portais da internet sobre os temas propostos.

O trabalho é dividido em três capítulos. O primeiro capítulo, é dividido em quatro partes: Na primeira parte, discorremos sobre a ascensão da Prússia e a unificação militarizada na Alemanha, a qual não levou em consideração as diversidades culturais e regionais, implantando de forma autoritária e abusiva a concepção prussiana do chanceler Otto von Bismarck. Na segunda parte buscamos compreender como as consequências do Tratado de Versalhes contribuíram com o sentimento de humilhação e vingança do povo alemão. Na

terceira parte descrevemos a crise de 1929 e as consequências para a Alemanha, como ela estava antes e depois da crise e, por fim, na quarta descrevemos brevemente quem foi Adolf Hitler e como ele e os nacionalistas se aproveitaram do momento frágil na Alemanha para impor sua ideologia.

No segundo capítulo discorremos sobre as ideologias nazistas e seus conceitos, destacando o nacionalismo alemão e sua inculcação na mentalidade da população, como também o arianismo que pregava uma raça superior às demais, o antissemitismo que incitava o ódio aos judeus e, por último, o antimarxismo como forma de manter o Estado ditatorial no qual não poderia haver a luta de classes, pois deveria haver total harmonia entre os trabalhadores e empresários que camuflavam os conflitos sociais existentes.

No terceiro capítulo procuramos compreender como o nazismo se desenvolveu na sociedade e quais foram os meios utilizados para influenciar e manipular a população. Na primeira parte fizemos uma breve descrição e apresentação de Joseph Goebbels, o ministro da propaganda do Terceiro Reich. Na segunda parte refletimos sobre o documentário *Triunfo da Vontade*, o qual teve uma relevância e influência muito grandes sobre os alemães, despertando neles o sentimento de pertencimento, amor e devoção ao Führer e ao nazismo. Na terceira parte constatamos como grupos da elite alemã, de modo especial as multinacionais, apoiaram e financiaram esta ideologia. Na quarta parte fizemos um breve levantamento das resistências ao nazismo, com ênfase para a escola de Frankfurt e seus participantes, e para o poeta Bertold Brecht que, mesmo exilados, saíram do senso comum e foram profundamente críticos ao questionar e denunciar o nazismo como uma ideologia autoritária, violenta, discriminatória e destrutiva.

## Capítulo 1

### As causas para o surgimento do nazismo: o processo histórico de formação

#### 1.1 Os antecedentes da Alemanha – Do Ducado de Brandemburgo à Alemanha Unificada

Para entendermos o processo histórico de formação do povo alemão é importante que se estude os primórdios dos povos germânicos. Para compreender melhor como se desenvolveu a Unificação da Alemanha é essencial estudarmos como a ascensão da Prússia contribuiu e liderou o processo de Unificação dos Estados alemães. Outro elemento a ser considerado é que com o fato da burguesia industrial da Prússia e a União das alfândegas de várias regiões ter como objetivo eliminar os empréstimos, estabeleceu-se uma união aduaneira, a qual ficou conhecida como o Zollverein.

Para compreendermos as origens da Prússia vamos nos fundamentar no cientista político Vamireh Chacon de Albuquerque Nascimento, em sua obra *Questão Alemã*

[...] A Prússia descende da antiga Borússia, uma tribo báltica vizinha dos lituanos e lerões e foi germanizada pela Ordem dos Cavaleiros Teurônicos por volta de 1230. O último grão-mestre da ordem, Alberto de Brandemburgo, um dos príncipes eleitores do Sacro Império, converteu-se ao luteranismo no começo da Reforma Protestante e incorporou os bens da Ordem ao Estado Brandemburguês”. (CHACON, 1994, p.18)

Nesta primeira parte de nossa pesquisa sobre a ascensão da Prússia a influência da Revolução Francesa e a Unificação da Alemanha três autores foram relevantes: Eric Hobsbawm, Norbert Elias e Vamireh Chacon.

O Ducado de Brandemburgo só se tornou reino em 1701. Frederico I então príncipe eleitor, foi coroado e incorporou à Prússia Oriental. Berlim se tornou capital e o rei treinou o seu exército de tal modo que se tornasse o melhor na Europa, a fim de tirar a Prússia do seu isolamento báltico.

Seu herdeiro, Frederico o Grande, foi um dos maiores políticos e gênios militares do mundo e pertenceu à geração dos déspotas esclarecidos, aqueles monarcas absolutistas que adotavam princípios do iluminismo, desenvolvendo melhorias na educação, na agricultura e

na indústria e que, na prática, queriam o chamado “reformismo”, ou seja, renovar suas sociedades de cima para baixo por meio dos Estados absolutistas que dirigiam.

Para Vamireh Chacon em sua obra *A questão Alemã* assim se refere em relação ao governo de Frederico o Grande: “Revolucionou a arte militar ao abandonar as lentas operações de cerco, que até então caracterizavam as guerras europeias, substituindo-as por manobras rápidas e violentas” (CHACON, 1994, p.18).

E também inovou exigindo com que todos os cidadãos se submetessem ao serviço militar obrigatório. Mesmo com tantas transformações e todo o esforço por parte de Frederico II, ainda assim, a Prússia foi devastada pela Revolução Francesa e por Napoleão Bonaparte tempos depois.

A Revolução Francesa foi um momento de grande conturbação para os prussianos, pois assim que os intelectuais radicais franceses proclamaram a República Renana, que era um território alemão e que fazia fronteira à Alsácia francesa, a Prússia reagiu enviando exércitos para lutar ao lado dos austríacos e tentar restaurar o trono de Luís XVI, que era casado com Maria Antonieta, da linhagem de Habsburgo.

Os dois exércitos, que eram os maiores Estados alemães e também antigos inimigos da França, o da Prússia e da Áustria, foram derrotados na Batalha de Valmy, em 1792. Uma grande crise de fome e desemprego na França e uma grande onda revolucionária fez com que se iniciasse o regime autoritário de Napoleão Bonaparte, em 1799.

Importantes intelectuais alemães entre os quais destacamos os filósofos Kant e Hegel foram contagiados por essa onda revolucionária. Porém, a coroação de Napoleão fez com que esse entusiasmo acabasse, já que seu reinado ia contra os ideais dessa Revolução, além de ter uma política expansionista bem agressiva, apesar de seu exército ter se tornado invencível, tornou também, odiado.

Em 1805, a Rússia e a Áustria se unem e declaram guerra ao país de Napoleão, mas foram derrotadas na batalha de Austerlitz e, logo depois, a Prússia foi derrotada também em Iena e Auerstadt. Aproveitando-se disso, o imperador francês reuniu, após a assinatura do tratado de paz, os maiores Estados alemães na confederação do Reno e dissolveu o que restava do Império Romano-Germânico e ainda aproveitou para aumentar seus territórios.

Em 1814 formou-se uma coalizão final contra os franceses, que estavam já bastante abalados após serem derrotado em 1812 na Campanha da Rússia<sup>1</sup>. A Prússia e a Áustria

---

<sup>1</sup> A Invasão francesa da Rússia em 1812, mais conhecida como Campanha Russa, foi uma invasão realizada por Napoleão e que resultou na derrota do exército francês em Smolensk em 29 de novembro de 1812.

uniram-se aos russos e britânicos e avançaram para o país francês, fazendo com que o imperador renunciasse. Um ano depois, ele tentou restaurar o poder, mas fracassou na Batalha de Waterloo. Com estas batalhas firmava-se o sentimento de revanchismo entre os germânicos e os franceses, o que foi uma das causas da Primeira e a Segunda Guerra Mundial.

[...] Além disso, “as anexações, os tratados de paz e os congressos que aconteceram entre a França e a Alemanha, entre 1797 e 1803, acabaram por reduzir os 234 territórios do Sacro Império Romano-Germânico a 40, apressando, desse modo, a unificação alemã.” (CHACON, 1994, p.24)

A Primavera dos Povos foi uma série de conflitos ocorridos em vários países da Europa, em 1848, com movimentos liberais, nacionalistas e socialistas por toda a Europa. Nas regiões da Alemanha os ideais liberais estavam principalmente voltados para a unificação do território alemão. Essa área estava em uma fase de industrialização com revoltas operárias e camponesas que começaram a se proliferar. O povo exigia o aquartelamento das tropas, a formação de uma Guarda Nacional popular e liberdade de imprensa e de associação. O rei teve que prometer a elaboração de uma nova constituição, a qual, entretanto, foi rejeitada por Frederico IV.

[...] Nesse momento configuram-se diferentes grupos políticos: a direita conservadora – federalista e a favor da monarquia constitucional -; o centro liberal – constitucional e federalista – centro-esquerda – constitucional e unitarista -; e a esquerda democrática – centralista e republicana. À margem dos parlamentares, surgia o Movimento Socialista Revolucionário, liderado por Marx e Engels. (CHACON, 1994, p.29)

Sendo assim, na segunda metade do século XIX as bases da Alemanha irão se formar, tardiamente, se comparada à outras nações, como a Inglaterra por exemplo e, por conta disso, seu atraso na unificação resultou em uma série de complicações econômicas e militares para o seu povo.

[...] A tardia unificação da Alemanha, comparada com a de países como a Grã-Bretanha e a França, que foram unificados muito mais cedo e desfrutaram, em consequência, de um padrão muito menos descontínuo de história e desenvolvimento social; e o fato de que, no caso alemão, a unificação ocorreu através de uma série de guerras sob a liderança dos setores militaristas que governavam a Prússia, um processo no qual grandes parcelas das classes médias abandonaram os valores humanistas que tinham até então predominado em seus círculos sociais, e passaram a adotar os valores militaristas e autoritários dos prussianos hegemônicos. (ELIAS, 1997, p. 8)

O momento da unificação foi, sem dúvida, conturbado e de muito conflito, pois a burguesia local via ali o fim do domínio da aristocracia, porém não obtinham os recursos de poder necessários para isso. Sendo assim, a classe dominante tradicional da Alemanha (a



aristocracia) manteve sua supremacia no território unificado alemão. A classe média, que inicialmente via na unificação uma forma de privar a aristocracia de poder e democratizar a sociedade alemã, se viu tendo que desistir de sua luta social e de seu objetivo como classe, gerando o fim dessa ideia de uma Alemanha liberal e parlamentar.

Segundo Norbert Elias (1997) essa situação paradoxal teve sérias consequências para todo o desenvolvimento da Alemanha. Para o autor, os aristocratas continuaram se vendo como os reais detentores de poder na Alemanha e se mantiveram como governantes inatos nas regiões alemãs

Otto Von Bismarck, um jovem aristocrata prussiano, impulsionou esses tumultos. Foi preso e conseguiu vislumbrar uma unificação. Sendo assim, após entrar na carreira diplomática e se tornar o primeiro ministro dos Hohenzollern, começou por incentivar o desenvolvimento da zona de comércio existente no norte da Alemanha. Para Bismarck, a unificação econômica era o melhor caminho para uma unificação política.

Além da questão de dualidade de forças no território, a partir da unificação, o país teve que entrar num rápido processo de recuperação de tempo, já que as outras potências europeias eram já bastante antigas e, por isso, era necessário muito esforço por parte de seu povo e governantes, exercendo uma forma de pressão do processo de modernização no país que era principalmente agrário. Para isso, foi necessário o impulso dos grupos especializados da economia, as classes médias industriais e comerciais e também um grande número de mão de obra, ou seja, Bismarck acelera a Revolução Industrial alemã, para que recuperasse o tempo perdido.

Por conta disso enfrentou uma crescente oposição operária, liderada pelos socialistas Karl Marx e Ferdinand Lassalle e, para contê-la, tornou ilegal o movimento, proibiu a imprensa socialista e ordenou prisões.

[...] Ninguém sabia o que fazer com essa força. Massas que não permaneciam passivas e que não se prestavam a seguir a liderança dos "superiores" tradicionais da burguesia, e cujos líderes não podiam ser assimilados, não entravam no esquema da política. Bismarck, que fazia o jogo do parlamentarismo liberal para seus próprios fins, tão bem ou mesmo melhor do que qualquer outro, não podia pensar em outra coisa senão proibir a atividade socialista pela força da lei. (HOBBSAWM, 2015, p. 130)

Chegou a declarar estado de sítio ao mesmo tempo que tentava frear os socialistas atendendo as suas reivindicações – jornada de trabalho de oito horas, seguros de vida – que foram uma grande conquista na política interna de Bismarck, mas que não foram suficientes para deter a crescente ascensão do Partido Social Democrata.

[...] Bismarck não era de forma alguma um liberal, e longe de um nacionalista alemão, no sentido político. Era apenas suficientemente inteligente para perceber que o mundo dos *junkers* prussianos não poderia mais ser preservado apenas com a manutenção do conflito contra o liberalismo e o nacionalismo, mas precisava trazê-los, ambos, para o seu próprio lado. (HOBSBAWM, 2015, p.85)

Foi no processo da unificação que boa parte da população alemã se enxergou como nacionalista, pois, segundo o historiador Norbert Elias, o povo se viu amando aquele território. E para o cientista político Vamireh Chacon “a derrota imposta aos exércitos Franceses permitiu a proclamação da Unificação Alemã, o II Reich alemão” (CHACON, 1994, p. 32). A derrota levou a França a aumentar seus ressentimentos e à perda das regiões da Alsácia e Lorena.

## 1.2 A provocação do Tratado de Versalhes como motivação

O Tratado de Versalhes, referenciado por Eric Hobsbawm (1994) como uma “paz punitiva” foi o documento que marcou o fim da Primeira Guerra Mundial, imposto pelas nações vitoriosas EUA, Grã-Bretanha, Itália e França ao principal perdedor, o Império Alemão. Esse tratado pressupunha haver um responsável pela guerra, ou seja, a Alemanha ficou com esse ônus, o que lhe gerou muitas consequências como forma de reparação de guerra. Dentre elas, o pagamento de indenizações extraordinárias para custear os prejuízos da guerra, a perda de grande parte do seu território e de suas colônias e diminuição no efetivo do exército.

O tratado fez com que os alemães se sentissem humilhados, causando um forte sentimento de vingança, o que contribuiu para a queda da República de Weimar, em 1933, e para a ascensão da ideologia Nazista, ou seja, a maior consequência do Tratado de Versalhes é, para muitos, a Segunda Guerra Mundial, o que se tornou contraditório, já que o tratado buscava uma paz mundial.

Após seis meses de negociações, esse tratado foi assinado na Galeria dos Espelhos, no Palácio de Versalhes, em Paris, em 1919 e propunha que a Alemanha assumisse completamente a responsabilidade pela Grande Guerra e, por isso, deveria pagar as indenizações aos países da Tríplice Entente<sup>2</sup>. Além disso, a Alemanha perdeu uma grande

---

<sup>2</sup> Durante a paz armada, o clima de tensão levou as grandes potências a firmarem tratados de aliança. A Tríplice Entente, formada em 1907 pela Inglaterra, França e Rússia foi estabelecida para resistir e contestar a Tríplice Aliança, formada pelo Império Alemão, Império Austro-húngaro e o Reino da Itália.

parte do seu território, suas colônias e teve que reduzir seu exército, entre diversas outras retratações.

Nesta nossa reflexão, nos serviremos da obra de John Maynard Keynes *As consequências Econômicas da Paz*, escrito em 1919. Keynes foi o principal representante do Tesouro na delegacia britânica durante o Tratado de Versalhes, porém, afastou-se da delegação antes mesmo do acordo ser assinado por não concordar com as duras imposições dos Aliados à Alemanha e, escreveu essa obra como uma forma de reação à esta postura

[...] As ideias que expressei no segundo capítulo não foram levantadas na Conferência de Paris. Ali, o futuro da Europa não constituía uma preocupação; seus meios de subsistência não causavam ansiedade. As preocupações da Conferência, boas e más, se relacionavam com fronteiras e nacionalidades, com o equilíbrio de poder, expansão imperialista, o futuro enfraquecimento de um inimigo forte e perigoso, com a vingança e a transferência pelos vitoriosos de uma carga financeira insuportável para os ombros dos vencidos. (KEYNES, 2002, p. 37)

Keynes demonstra uma preocupação com as consequências deste Tratado, seja a curto ou a longo prazo, pois, para ele, era necessário que houvesse condições econômicas para a recuperação dos países que estavam preocupados somente com os próprios interesses. Ele, também, mostra com dados como os países perdedores sofreriam e não conseguiriam se recuperar. No ponto de vista keynesiano, não haveria uma prosperidade na Europa se não houvesse um sistema econômico de equidade e para as potências envolvidas no acordo, mas essa não era uma opção. Ele, afirma, ainda que esse seria o principal motivo para uma próxima guerra, o que de fato ocorreu 20 anos depois.

John Keynes é referenciado no documentário *Paris 1919*, produzido em 2009, por Paul Cowan, no qual é feita uma reprodução das reuniões da Conferência de Paz, os bastidores das negociações com previsão de ser breve, durando de 3 a 4 semanas, na realidade durou 6 meses por conta dos interesses das Nações que divergiam entre si. Este documento revela as reflexões de Keynes, mostrando as graves consequências que viriam.

Cowan (2009) afirma claramente que o Tratado de Versalhes foi uma grande motivação para a Segunda Guerra Mundial, argumento que o historiador Jean-Jacques Becker discordava.

O livro *O tratado de Versalhes*, de Jean-Jacques Becker, remonta o período pós-guerra e relata as dificuldades que a diplomacia da época enfrentava. Além disso, trata também sobre as consequências do Tratado de Versalhes, mas que segundo ele, deveria ser retirado o fardo de ser considerado motivação para a Segunda Guerra Mundial. Becker mostra que havia uma grande dificuldade para estabelecer a paz nesse cenário após a Primeira Grande Guerra. Os

países presentes estavam em clima de alta tensão com expectativas diferentes de cada um. Ainda segundo Becker, o sentimento de revanchismo seria inevitável, já que os vencedores excluíram os derrotados e mesmo que, se as punições fossem mais leves, ainda assim haveriam controvérsias. Becker destaca também, a enorme contribuição que o Tratado de Versalhes trouxe para o mundo como a criação da Sociedade das Nações que buscava iniciativas de uma paz real, como promover o desarmamento militar. Para o historiador, o Tratado de Versalhes não fracassou e afirmar isso é um equívoco histórico, já que este buscou minimizar as consequências de Guerra e nem os maiores esforços seriam o suficiente para apagar os estragos da mesma.

[...] Assim como a Grande Guerra não era inevitável, a evolução dos acontecimentos após a guerra da maneira como foi processada tampouco era inevitável. Foram precisos quinze anos para que Hitler chegasse ao poder - o acontecimento foi bastante protelado para que outras realidades fossem possíveis. As circunstâncias resolveram de outra maneira, e é verdade que naquele momento a invalidação de "Versalhes" constituía uma poderosa alavanca para a vitória do nazismo. (BECKER, 2011, p.204)

Continuando nosso estudo sobre o Tratado de Versalhes, outra obra de grande importância é a *"A Era dos Extremos"* do historiador Eric Hobsbawm de 1994, na qual ele reflete, no primeiro capítulo as consequências que este Tratado trouxe para o mundo, pontuando, inclusive cinco considerações sobre ele, a primeira delas, fala sobre o colapso dos regimes na Europa e sobre o surgimento na Rússia de um regime bolchevique revolucionário que, segundo Hobsbawm, *funcionava como um imã para forças revolucionárias de todo o mundo*. (HOBSBAWM, 1994, p. 39). A segunda consideração era a de que havia uma necessidade de controlar a Alemanha, já que ela tinha um poder que quase derrotou sozinha os Aliados. Em terceiro lugar, via a necessidade de remapear a Europa, como forma de enfraquecer a Alemanha e também preencher as lacunas existentes. Hobsbawm mostra que os interessados nos novos territórios sequer estavam preocupados com as realidades étnicas e linguísticas das regiões que seriam divididas. Segundo Hobsbawm, *os conflitos nacionais que despedaçam o continente na década de 1990 são as galinhas velhas do Tratado de Versalhes voltando mais uma vez para o choco* (HOBSBAWM, 1994, p. 39) demonstrando que vários dos conflitos existentes na década de 1990 não existiam e não teriam forma de existir antes de 1914.

O quarto conjunto de considerações feito por Hobsbawm foi sobre as políticas internas dos países vitoriosos, Grã Bretanha, França e EUA, e os conflitos que existiam entre eles. O quinto e último conjunto de considerações ele afirma que as potências vitoriosas queriam um

acordo de paz que tornasse impossível outra guerra, mas, segundo o autor, fracassaram da forma mais espetacular, já que vinte anos depois ocorreu uma Segunda Grande Guerra (HOBSBAWM, 1995, p.40).

Hobsbawm, nesse trecho de seu livro esclarece como foram os acordos de territórios no Tratado de Versalhes e suas consequências para o século XX, relata as duras punições que foram dadas à Alemanha

[...] Impôs-se à Alemanha uma paz punitiva, justificada pelo argumento de que o Estado era o único responsável pela guerra e todas as suas consequências (a cláusula da "culpa de guerra"), para mantê-la permanentemente enfraquecida. Isso foi conseguido não tanto por perdas territoriais, embora a Alsácia-Lorena voltasse à França e uma substancial região no Leste à Polônia restaurada (o "Corredor Polonês", que separava a Prússia oriental do resto da Alemanha), além de alguns ajustes menores nas fronteiras alemãs; essa paz punitiva foi, na realidade, assegurada privando-se a Alemanha de uma marinha e uma força aérea efetivas; limitando-se seu exército a 100 mil homens; impondo-se "reparações" (pagamentos dos custos da guerra incorridos pelos vitoriosos) teoricamente infinitas; pela ocupação militar de parte da Alemanha Ocidental; e, não menos, privando-se a Alemanha de todas as suas antigas colônias no ultramar. (HOBSBAWM, 1995, p.41)

Hobsbawm (1994), também fala sobre a criação de uma Liga das Nações que desejava resolver tudo e solucionar os conflitos de forma pacífica antes de que tudo se descontrolasse. O historiador afirma que a criação dessa Liga foi uma reação contra os tratados secretos que foram acertados entre os aliados durante a Guerra e que dividiram a Europa e o Oriente Médio no Pós-Guerra. Quando os bolcheviques descobriram esses documentos nos arquivos czaristas<sup>3</sup>, publicaram para o mundo ler e, por isso, exigiu uma redução de danos. Ao contrário de Becker (2011), Hobsbawm (1994) afirma que o Tratado de Versalhes desde o início já estava condenado ao fracasso e uma outra guerra era inevitável. Os EUA imediatamente saíram da Liga das Nações e a nova potência mundial seria o que sustentaria o projeto. Além disso, a Alemanha e a Rússia soviética também foram excluídas da Liga e, mais cedo ou mais tarde, elas também voltariam como grandes potências.

Finalizando, esse autor afirma que a guerra poderia pelo menos ter sido adiada se a economia pós-guerra fosse restaurada como um sistema global de crescimento econômico e, o que levou ao poder as forças do militarismo e da extrema direita na Alemanha e no Japão e resultou em uma segunda guerra mundial foi o fato dos países acabarem por se esquecer da perturbação pós-guerra, além da forma como o mundo entrou na maior crise econômica que

---

<sup>3</sup> A Rússia era comandada no início do século XX pelo absolutismo czarista, sendo o último o Czar Nicolau II que após a Revolução Russa de 1917 saiu do poder, instaurando assim o domínio bolchevique.

já foi vista desde a Revolução Industrial, a famosa Crise de 29, o próximo tema a ser trabalhado.

### **1.3 A crise de 29 e as consequências para a Alemanha**

Como observamos anteriormente, a economia alemã já estava em recessão por conta das duras imposições no Tratado de Versalhes, no qual uma série de conferências se realizaram, articulados pelo EUA, Inglaterra e França, onde o presidente Wilson impõe à Alemanha à negociação de paz a implantação de um governo democrático. Mas foi a partir de 1929, com a Grande Depressão, que os alemães se viram completamente falidos. Isso porquê o epicentro dessa crise foram os Estados Unidos, que tinham feito empréstimos ao país alemão após a Primeira Guerra Mundial e após uma forte queda na produção industrial mundial e a quebra da Bolsa de Nova York, tiveram que encerrar o suprimento. Essa dependência financeira americana por parte dos alemães foi propícia para o surgimento do ódio ao liberalismo na Alemanha, contribuindo diretamente para a formação do nazismo.

[...] Na verdade, mesmo os orgulhosos EUA, longe de serem um porto seguro das convulsões de continentes menos afortunados, se tornaram o epicentro deste que foi o maior terremoto global medido na escala Richter dos historiadores econômicos – a Grande Depressão do entreguerras. Em suma, entre as guerras, a economia mundial capitalista pareceu desmoronar. Ninguém sabia exatamente como se poderia recuperá-la. (HOBSBAWM, 1995, p. 91).

Para entendermos as consequências da Grande Depressão para a Alemanha é necessário antes analisarmos como o país estava na década de 20. Um pouco depois do Tratado de Versalhes ser assinado, em 28 de junho de 1919 começou na Alemanha o que chamamos de República de Weimar que nasceu com o objetivo de substituir o reinado de Guilherme II (1859-1941), imperador alemão, que governou desde 1888 e que deposto dias antes do Tratado, levando consigo o desejo de uma regeneração nacional e democrática. O primeiro presidente da República de Weimar foi Friedrich Ebert (1871-1925) do partido Social-Democrata, que recebeu uma Alemanha completamente descrente, já que o povo encarou a assinatura do Tratado como um atestado de escravidão aos franceses.

Sendo assim, nesse meio de crise política, econômica, territorial e militar, esse regime parlamentarista surgiu na Alemanha como uma tentativa de mudança na sociedade alemã, o que de fato não ocorreu.

A Constituição, que foi promulgada em agosto daquele mesmo ano em Weimar, afirmou a unidade alemã, sendo assim, os Estados não tinham qualquer soberania e, enquanto isso, as dificuldades econômicas enfrentadas pelo país alimentaram um profundo ceticismo em relação à república. Os distúrbios atingiram seu ápice em 1923, quando a inflação assumiu proporções dramáticas, pois um dólar chegou a valer 4,2 bilhões de marcos.

Com isso, até 1924, a Alemanha oscilou entre gigantes bolhas inflacionárias na economia, desemprego em níveis extraordinários, insatisfação popular e falta de credibilidade nos líderes e comandantes políticos. A Alemanha carecia de um herói nacional. Em 1925 foi eleito para o cargo de Presidente o ex-herói de guerra marechal, Paul von Hindenberg, que conseguiu recuperar um pouco a economia do país, mas, ainda assim, sem muita expressividade.

Houve também a influência de Gustav Stresemann entre 1924 a 1929 na economia do país. Gustav Stresemann foi nomeado Chanceler, em 13 de agosto de 1923, cargo que ocupou por pouco tempo, pois no mesmo ano ele foi escolhido para exercer o ministério das Relações Exteriores até 1929. Ele buscou um entendimento com a França, mais do que seus antecessores, ele conseguiu implementar um equilíbrio econômico e diminuir a inflação.

Empréstimos externos foram empregados na modernização da indústria. Mais uma vez, com a ajuda e dependência forçada dos EUA, foi elaborado e instaurado o Plano Dawes para viabilizar o pagamento das dívidas decorrentes do Tratado de Versalhes. Foi uma tentativa de estabilizar a economia e a moeda alemã, mas tornou-se dependente de mercados externos e fragilizou-se em relação a crises, principalmente a de 1929.

Essa política externa de Stresemann trouxe para a Alemanha a igualdade de direitos através do Tratado de Locarno, em 1925, e também o ingresso do país na Liga das Nações, em 1926. Stresemann morreu em 1929, curiosamente o mesmo ano em que todo esse esforço na Alemanha se mostrou insuficiente, já que chegou a Grande Depressão.

[...] A República de Weimar caiu em grande parte porque a Grande Depressão tornou impossível manter o acordo tácito entre Estado, patrões e trabalhadores organizados que a mantiveram à tona funcionando. A indústria e o governo sentiram que não tinham escolha senão impor cortes econômicos e sociais, e o desemprego em massa fez o resto. (HOBSBAWM, 1995, p. 139)

Na realidade, os sinais de uma crise financeira começam a aparecer bem antes do crash da bolsa de Nova Iorque, quando as ações da bolsa de valores atingem o ápice de sua elevação depois uma queda sequencial, deflagrando, em 29 de outubro de 1929, a quinta feira negra, a maior depressão econômica já vista no mundo capitalista.

[...] A crise econômica, de 1929 em diante, não afetou somente a Alemanha, por certo. Mas na Alemanha, nessa época, a crise econômica estava numa relação de duplo vínculo com uma crise política que beirava a guerra civil. Ambos os aspectos da crise se reforçavam mutuamente. A crise econômica, agravada pela crise política, atijou as chamas dos violentos choques políticos e vice-versa. (ELIAS, 1997, pp. 203-204).

Na Alemanha houve uma explosão do desemprego, visto que houve uma queda drástica na produção e, conseqüentemente, na demanda por mão de obra. O país já se encontrava em uma posição extremamente desconfortável economicamente devido às pesadas imposições do Tratado de Versalhes, que conduziram o país a uma instabilidade econômica sem precedentes, tornando a recuperação econômica um dos principais objetivos do governo.

Nesse cenário de grande instabilidade econômica, a harmonia social que pregavam os liberais clássicos, caiu em completa descrença. Agora havia duas alternativas ao povo alemão, sucumbir às forças do socialismo, que se tornara extremamente popular nesse dado momento, ou recorrer a uma política em que o Estado controlasse as principais atividades econômicas do país. Portanto, para conter o avanço do socialismo, os burgueses optaram por financiar o partido nazista, que vinha com a proposta de um estado intervencionista, porém não tinha como objetivo a socialização dos meios de produção.

Eric Hobsbawm (1995) analisa esse fenômeno, já que segundo ele, as massas acreditavam fielmente que haveria uma solução política – seja na direita ou na esquerda – para essa situação crítica. Sendo assim, com a ausência de solução do liberalismo o mundo se viu obrigado a aceitar a radicalização. Segundo o autor, a Grande Depressão destruiu o liberalismo econômico por meio século.

Quando os alemães deixaram de pagar as parcelas da indenização do Tratado de Versalhes, franceses e belgas ocuparam a região do rio Ruhr, causando ainda mais desespero nos cidadãos, que sofriam ataques constantemente. Nesse cenário, Adolf Hitler, até então chefe do pequeno partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães – NSDAP – tentou um golpe fracassado em Munique, mas ali já deixou claro que iria se aproveitar da fragilidade alemã.

### **1.3 – Adolf Hitler**

A intenção desse trabalho não é fazer uma biografia mas consideramos, mais do que necessário, fazer uma contextualização sobre quem foi o grande nome por trás do Nazismo e o responsável pelas maiores atrocidades cometidas durante o século XX. Adolf Hitler nasceu



em 20 de abril de 1889, na pequena cidade austríaca Braunau am Inn<sup>4</sup>. Seus pais se chamavam Alois Hitler e Klara Hitler, um funcionário público e uma dona de casa e Paula Hitler era a irmã do Führer. Em seu livro *Mein Kampf* de 1925, Hitler conta que era uma criança agitada, com forte temperamento e que foi, nessa época, que iniciou o seu gosto por assuntos militares. (HITLER, 1925)

Hitler não se dava bem com o seu pai, que lhe batia constantemente. Em 1903, Alois morre e, quatro anos depois, em dezembro de 1907, sua mãe Klara sucumbiu ao câncer, tornando Hitler órfão aos 18 anos (RESS, 2013). Ele ficou perambulando por Viena e após passar por certas dificuldades, em 1909, recebeu uma quantia de dinheiro que o possibilitou firmar-se como pintor. Porém detestava Viena, considerava a cidade impura, repleta de prostituição e corrupção. Então, aos 24 anos, após receber a pequena herança do pai, conseguiu ir buscar abrigo em Munique, na Alemanha. O historiador Laurence Ress mostra como Hitler agiu após chegar na Alemanha:

[...] Mesmo vivendo finalmente em uma cidade que adorava, Hitler parecia destinado ao total anonimato. Apesar da impressão que ele queria passar ao mundo – em sua autobiografia *Mein Kampf* (Minha luta), escrita onze anos depois, tentou convencer os leitores de que durante esse tempo ele agiu quase como um político em formação – em 1913 Hitler era um indivíduo inadequado social e emocionalmente, com uma vida sem direção. (RESS, 2013, p. 21)

Essa situação mudou após a Primeira Guerra Mundial, em 1914, quando Hitler solicitou dispensa de sua apresentação ao exército da Áustria para assentar praça no regimento alemão, tendo sua solicitação atendida logo no dia seguinte. Essa participação o fez amadurecer e passar a amar a guerra e o que parecia algo normal, acabou por mudar toda a sua própria história e a de milhões de pessoas futuramente.

[...] Ainda assim, apesar dos estudos recentes que revelam que ele não viveu nas trincheiras, mas serviu como mensageiro do quartel-general do regimento, logo atrás da linha de frente, é inegável que Adolf Hitler foi um soldado corajoso. Em outubro de 1916, foi ferido na Batalha de Somme e, dois anos depois ganhou a Cruz de Ferro, primeira classe. (RESS, 2013, p.22)

Depois da derrota na guerra, retornou para Munique, continuando no exército como um informante militar, investigando os colegas que organizavam revoltas marxistas dentro do exército e no mesmo ano aderiu ao grupo “Partido Trabalhista Alemão” após alguns encontros numa cervejaria da cidade. Como tinha grande capacidade oratória, Hitler ficou encarregado de conseguir novos adeptos ao partido e mudou o seu nome para “Partido Nacional-Socialista

---

<sup>4</sup> Braunau am Inn é um pequeno vilarejo no norte da Áustria, que fica a 60 quilômetros ao norte de Salzburgo, próximo à fronteira alemã. Essa cidade se situa próximo ao Rio Inn, colada ao Land alemão da Baviera.

dos Trabalhadores Alemães”, além de incorporar uma organização paramilitar encarregada de intimidar os opositores. Hitler recebeu a confiança das pessoas por seus discursos antissemitas, antimarxistas e contra estrangeiros, além de prometer trabalho e o fim das reparações de guerra, o que era exatamente tudo que os alemães queriam ouvir naquele momento.

Em 1921, tornou-se chefe do partido, criou as SS<sup>5</sup>, uma força de elite, e em 1923, falhou na tentativa de golpe em Munique, o que fez com que fosse condenado a cinco anos de prisão, mas cumpriu somente oito meses e nesse tempo na cadeia, Hitler pôde escrever a primeira parte do livro *Minha Luta*, desenvolvendo os fundamentos do nazismo. Sobre o julgamento de Hitler, Laurence Ress afirma:

[...] O julgamento de Hitler começou em 26 de fevereiro de 1924, em Munique. E desde o começo, Hitler buscava o que, para os que viam de fora, parecia uma estratégia de grande risco: ele não apenas admitiu, mas glorificou o que havia feito. Além disso, no tribunal, alegou abertamente o que considerava ser seu papel na luta que estava por vir. “Decidi ser o destruidor do marxismo”, disse ele... Como consequência, anunciou que era o “herói” que salvaria a Alemanha. (RESS, 2013, p. 58)

Esse seu posicionamento fez com que Hitler ficasse conhecido na Alemanha inteira e recebesse, para as eleições, o apoio dos grandes empresários, banqueiros e investidores que viam nele a grande solução para o combate ao comunismo. E, mesmo após perder as eleições foi nomeado, por pressão política, chanceler da Alemanha.

---

<sup>5</sup> Schutzstaffel, em português Tropa de Proteção e abreviada como SS, foi a organização paramilitar criada por Hitler no Partido Nazista. Iniciou-se para proteção das reuniões do partido em Munique.

**Imagem 1:** Hitler mostrado como astro de cinema em cartaz eleitoral



**Fonte:** US Holocaust Memorial Museum

## Capítulo 2

### As Ideologias Nazistas

O nazismo foi uma significativa demonstração da destruição que um regime autoritário e totalitário pode fazer com a sua nação, ideologia esta que contém outras ideologias como o nacionalismo exacerbado, o antissemitismo, o arianismo e o antimarxismo.

Ao atentarmos para o contexto histórico alemão da época, veremos que o nacionalismo esteve presente desde os primórdios. Sem esse, talvez não haveria uma Primeira e Segunda Guerra Mundiais, não existiria Hitler e, tão pouco, o nazismo. Para termos conhecimento do que se trata o nacionalismo alemão, é necessário analisemos profundamente o contexto histórico onde ele surgiu e cresceu.

A ideologia nacionalista se apoia na visão patriótica de superioridade de uma nação sobre outra e contribuiu diretamente para a expansão do nazismo, já que havia a justificativa de que os alemães, a raça pura ariana, era superior aos demais povos. Esse nacionalismo exacerbado se dava principalmente pela sensação de pertencimento ao território, a uma cultura, uma língua e um povo, é um fenômeno típico do século XIX. Alguns movimentos nacionalistas foram contrários aos movimentos migratórios e povos que possuíam uma identidade dissociada de um espaço como foi o caso dos judeus, um notório exemplo de xenofobia que cresceu durante a Segunda Guerra. Além disso, se revela também o desejo de se manter forte diante de uma nação opressora na tentativa de proteção do seu Estado.

Para Hobsbawm (1987), os "nacionalismos" baseavam-se em estimular a ideia de que todos se identifiquem com "sua" nação e, assim, podiam ser mobilizados a explorar este sentimento para fins políticos. O historiador também afirma que o nacionalismo vem antes mesmo da nação e, não o contrário, como a maioria acredita. Antes do Estado existir em uma região existem antes povos com uma língua, religião ou percurso histórico em comum que forma o sentimento de nacionalidade.

[...] O nacionalismo alemão estava preocupado com a unificação de numerosos estados separados, o que era, porém, impedido não pela dominação alienígena, mas – exceto por alguns interesses particularistas – pela atitude de dois superpoderes que se consideravam a si próprios alemães, Prússia e Áustria. (HOBBSAWM, 1975, p. 33)

Como vimos, para que existisse um Estado Alemão, houve grandes desafios e o nacionalismo inicialmente desenvolveu-se entre as elites intelectuais da região germânica que

não encontravam um consenso em torno do que seria essa nação. Ou seja, esse sentimento de pertencimento se deu quando os germânicos sentiram a necessidade de constituir uma nação para, então, conquistar territórios e se desenvolverem assim como os outros países europeus. O nacionalismo surgiu com mais força durante as Revoluções de 1848<sup>6</sup> e, depois, como já vimos, após a Prússia vencer a Áustria e seu povo se sentir orgulhoso após guerrear e constituir o Império Alemão.

Em 1919, após a humilhação profunda pelo acordo do Tratado de Versalhes<sup>7</sup>, os alemães tiveram o seu orgulho ferido ao serem obrigados a assumir toda a culpa da guerra e a incapacidade psicológica desse povo de aceitar essa derrota, além das reparações, criou o terreno fértil para o crescimento de um nacionalismo radical, do qual Hitler se beneficiou e que acabou gerando todo o terror que foi o nazismo.

Os nacionalistas fizeram com que a República de Weimar e o multipartidarismo alemão se tornasse o grande alvo, deixando claro que a democracia arruinava a vida dos cidadãos e que somente um sistema autoritário iria reestabelecer a ordem na Alemanha e apagar toda a humilhação que ela havia passado (RESS, 2013)

[...] Entre 1929 e 1933, milhões de alemães deram as costas às suas alianças partidárias anteriores e decidiram apoiar Adolf Hitler e os nazistas – e o fizeram sabendo que Hitler pretendia destruir o sistema democrático alemão e apoiava atos de violência criminal. (RESS, 2013, p. 75)

O conceito de nacionalismo para os alemães durante a Alemanha nazista está diretamente ligado ao arianismo, outra ideologia bastante disseminada ao redor do mundo de então. Para os nazistas, a raça ariana seria a linhagem mais pura dos seres humanos, ou seja, indivíduos altos, fortes, claros e inteligentes, como uma raça superior às demais. Porém, essa ideia já existia de muito antes e, assim como o nacionalismo, está ligada ao imaginário germânico antes mesmo de Hitler. Hobsbawm (1995) fala sobre o racismo de Hitler pautado na ideia do filósofo francês Conde de Gobineau<sup>8</sup> que caracterizou o povo ariano como os nórdicos, sendo a raça destinada a dominar o mundo.

[...] Mesmo o racismo de Hitler não era feito daquele orgulho de uma linhagem ininterrupta e sem mistura (...), mas uma mixórdia pós-darwiniana pretendendo o apoio da nova ciência da genética, mais precisamente do ramo da genética aplicada (“eugenia”) que sonhava em criar uma super-raça

---

<sup>6</sup> Para Hobsbawm, a Primavera dos Povos ou Revoluções de 1848 foi acima de tudo, a afirmação das nacionalidades europeias, incluindo a alemã. (HOBSBAWM, 1975, p. 97)

<sup>7</sup> Ver Capítulo 1.2 que trata sobre o Tratado de Versalhes e as consequências econômicas para a Alemanha.

<sup>8</sup> No século XIX, o sociólogo francês Conde de Gobineau propôs o conceito de “raça ariana”, defendendo a superioridade dos brancos sobre negros, amarelos e semitas. Foi um dos mais importantes teóricos do racismo e para ele, a miscigenação era inevitável e levaria à destruição humana.

humana pela reprodução seletiva e eliminação dos incapazes.  
(HOBSBAWM, 1995, p. 122)

Hannah Arendt fala também sobre Gobineau em seu livro “*As origens do totalitarismo*”, considerando-o como o inventor do racismo eugênico moderno. Arendt argumenta que os movimentos ultranacionalistas europeus, que foram impulsionados pela propaganda antissemitista, usaram a falácia semelhante ao imperialismo, para impulsionar o imperialismo continental dentro da Europa. Ou seja, essa racionalização era a pré-condição para o genocídio, estabelecendo uma classificação hierárquica entre a raça “geneticamente superior” as demais, que eram menos civilizadas. (ARENDR, 1951)

A ideologia mais marcante do nazismo foi, sem dúvida, o antissemitismo como forma de achar o maior vilão para a situação da Alemanha, culpando os judeus pelas desgraças que ocorreram no país. Como as outras ideologias já referidas, não começou na Alemanha, mas se potencializou lá.

[...] Os judeus estavam presentes em quase todo lugar e podiam simbolizar com facilidade tudo o que havia de mais odioso num mundo injusto, inclusive seu compromisso com as ideias do Iluminismo e da Revolução Francesa que os tinham emancipado e, fazê-lo, os haviam tornado mais visíveis. (HOBSBAWM, 1995, p.123)

O historiador traz uma reflexão sobre a imagem construída destes judeus, tornando-os símbolo dos, até então, odiados capitalismo e liberalismo, dos revolucionários e, o que ele chama de “intelectuais sem raízes”, já que os judeus não tinham uma terra própria e se apropriavam de qualquer uma, e isso lhes dava uma vantagem em relação a empregos que exigissem mínima educação, retirando de outros que já estavam ali.

ARENDR (2012) sustenta a ideia de que o ódio aos judeus vai além do sentimento religioso, englobando os aspectos econômicos, políticos, sociais e morais. O judeu se tornou uma espécie de “bode expiatório” para todos os problemas existentes, seja em menor ou maior grau, os cidadãos se tomaram de raiva e isso os levou a consentir com qualquer atrocidade cometida contra o povo de origem judaica.

Isso cria uma enorme oportunidade para Hitler, já que para ele, “*acreditar que a vida consistia, essencialmente, no forte destruindo o fraco era algo revigorante*” (REES, 2013, p. 62) e o judeu seria o oponente principal nessa luta pela supremacia racial, que levou a aproveitar da situação que a Alemanha estava após a grande crise do liberalismo<sup>9</sup> e colocar nesse grupo a culpa das mazelas do país. Porém, cabe aqui ressaltar que sem o antissemitismo

---

<sup>9</sup> Ver Capítulo 1.3 que fala sobre a Grande Depressão e as consequências para a Alemanha

já estar inserido na mentalidade dos alemães (e europeus como um todo) anteriormente, os crimes contra a humanidade cometidos pelo fuhrer alemão não seriam possíveis.

Para finalizar a reflexão sobre as ideologias nazistas, uma das mais importantes é o antimarxismo, já que os comunistas foram colocados por Hitler como os também vilões da história, ligando constantemente os judeus aos marxistas e, ainda assim, há quem diga o contrário.

[...] Nos discursos contra a República de Weimar, ainda durante esse período histórico Hitler procurava sempre identificar a República ao Marxismo e ao Comunismo, juntando ambos como inimigos comuns, indo além, dizendo que a República preparava o caminho para o marxismo, a democracia antinacional. Ele dizia ser próprio do Comunismo aquilo que era antinacionalista, que ia de encontro aos elementos fundamentais do nacionalismo alemão, a moralidade, a cultura, a honra e a fê. (FERRAZ, 2019, p. 188)

O discurso de Hitler era de que, na luta entre raças pelo espaço à vida, o maior perigo para a ascensão da raça ariana seriam os judeus e a União Soviética estava lotada deles. Além disso, na URSS havia terras muito férteis e os arianos precisavam delas para a sua sobrevivência, justificando então o imperialismo buscado. Cada um desses elementos fazia com que as ideias de Hitler fossem muito convincentes para seus seguidores que acreditavam nelas cada vez mais e influenciando mais pessoas a acreditar nelas, enraizando na mentalidade dos alemães quem eram os inimigos. (FERRAZ, 2019)

Hannah Arendt ainda afirma que a única classe que se tornou quase imune à propaganda antisemita era a dos trabalhadores marxistas já que, para eles, os judeus não influenciavam em nada suas ideias, pois a sua luta era contra a burguesia, coisa que “*os judeus não representavam e da qual, nunca haviam sido parte importante*” (ARENDR, 2012, p. 54).

Outro ponto forte para a questão do antimarxismo era de que slogan comunista “trabalhadores do mundo, uni-vos”<sup>10</sup> ia contra aos ideais nazistas, afinal, se realmente os trabalhadores se unissem haveriam reivindicações por melhorias no trabalho, o que não traria a promessa de Hitler de criar uma Alemanha harmônica e forte, em que a paz iria reinar e, a partir do momento que os inimigos foram estabelecidos, os líderes comunistas passaram a ser perseguidos e as manifestações começaram a ser impedidas pelos grupos nazistas e por mais que houvessem diferenças entre os partidos comunista e social-democrata na Alemanha, Hitler os colocava como um só, juntamente à República, como se fosse um conjunto, sendo a causa de toda a desordem no país após a derrota na Grande Guerra. (FERRAZ, 2019)

---

<sup>10</sup> O slogan político "Trabalhadores do mundo, uni-vos!" é um dos mais famosos gritos de protesto do socialismo, vem do Manifesto Comunista de Karl Marx e Friedrich Engels publicado em 1848.

## Capítulo 3

### As estratégias publicitárias

O século XX foi marcado pela consolidação dos regimes que utilizaram os meios de comunicação para atingir e manipular as massas, utilizando-se da propaganda para uso político e controle da opinião pública. Essa propaganda política é um fenômeno social que cresceu com os avanços tecnológicos, a partir da década de 1920, fazendo o uso de ideias e conceitos pré-existentes na mentalidade da população, ressignificando outros e transformando as imagens, símbolos e mitos.

[...] A referência básica da propaganda é a sedução, elemento de ordem emocional de grande eficácia na conquista de adesões políticas. Em qualquer regime, a propaganda é estratégica para o exercício do poder, mas adquire uma força muito maior naqueles em que o Estado, graças à censura ou monopólio dos meios de comunicação, exerce rigoroso controle sobre o conteúdo das mensagens, procurando bloquear toda atividade espontânea ou contrária à ideologia oficial. (PEREIRA, 2003, p. 3)

A propaganda nazista é, até hoje, objeto de estudo de inúmeros historiadores pela enorme capacidade de manipulação, através de imagens, filmes, sons e textos, de uma multidão de pessoas. Hitler e Goebbels realizaram um enorme trabalho para utilizar a propaganda a favor de sua ideologia contra os considerados seus maiores inimigos.

#### 3.1 Joseph Goebbels e o poder da propaganda

Nascido em 29 de outubro de 1897, em Rheydt, uma pequena cidade industrial na Alemanha, filho de pais católicos que gostariam que ele se tornasse padre, pois além da questão da religiosidade, a igreja arcaria com os gastos do seu ensino superior. Joseph Goebbels se consagrou como Doutor em filologia pela Universidade de Heidelberg e abandonou o emprego no banco em que trabalhava por conta do baixo salário. Com isso, se viu sem dinheiro, quase depressivo e sem perspectiva de melhora. Até que em 1922, conheceu o Partido Nacional Socialista Alemão e se afiliou. Devido a sua habilidade com a oratória, rapidamente, ganhou a notoriedade dos partidários nazistas e recebeu o cargo de administrador do NSDAP<sup>11</sup>, na região de Elbelfeld, além de também editor de uma revista nazista.

Joseph Goebbels deixava constantemente claro o seu ódio por judeus e comunistas, partilhando isso aos alemães através de folhas impressas, publicando ameaças a esses grupos e atraindo a população ao prometer um recomeço para a Alemanha. Em 1928, Hitler o nomeia

---

<sup>11</sup> NSDAP é a sigla referente ao Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, o partido nazista.



diretor da propaganda do Partido e, assim, inicia-se o plano da criação do mito “Hitler” e o Doutor teria que cuidar de todo o marketing por trás do líder, organizando todas as festas, passeatas e congressos pela frente. No mesmo ano foi eleito para o Reichstag (Parlamento alemão) em uma das 12 cadeiras do Partido Nacional Socialista. Em 1933, já com Adolf Hitler no cargo de chanceler, Goebbels foi nomeado como Ministro da Propaganda do Reich, tendo que controlar e conduzir a imprensa e a cultura alemã.

Em relação à propaganda, Goebbels discordava um pouco de Hitler na forma de criar. Para Hitler era necessário separar o que era arte e o que era propaganda política e um filme de propaganda jamais deveria tentar ser divertido, pois o espectador deveria ir ao cinema sabendo que estava indo ver um filme político. Goebbels introduziu uma abordagem mais leve e imaginativa, levando em consideração que para o filme fazer sucesso, deveria também ser divertido, mostrando que, se conseguisse atingir “a emoção” dos espectadores conseguiria ser verdadeiramente eficaz. (URWAND, 2014)

Imagem 1: Joseph Goebbels, ministro da propaganda alemão, discursa na noite da queima dos livros. Berlim, Alemanha, 10 de maio de 1933.



Fonte: US Holocaust Memorial Museum

### 3.2 Documentário *Triunfo da Vontade*

O cinema foi, sem dúvidas, a área que recebeu maior apoio e investimentos do regime nazista. Hitler sempre reconheceu o enorme potencial oferecido pelas imagens e era um grande amante da arte do cinema, “*toda noite antes de ir para a cama, Adolf Hitler assistia a um filme*” (URWAND, 2014, p.17). Sendo assim, essa arte esteve fortemente vinculada ao crescimento partidário e à escalada eleitoral dos nazistas (RIBEIRO, 2003). Inclusive, a Reichsfilmkammer (Câmara do Cinema do Reich) foi fundada antes mesmo de todos os outros departamentos da Reichkulturkammer (Câmara de Cultura do Reich). Os meios de comunicação deveriam espalhar a ideologia nazista para a Alemanha por completo, o que só seria possível através do cinema, com cinejornais, ficção de guerra, com filmes que mostravam o passado glorioso da Alemanha e documentários militares. Surge assim, em 1935, o filme mais famoso do período nazista: *O Triunfo da Vontade*.

Nada ilustra melhor a propaganda nazista do que o documentário *Triunfo da Vontade* (1935), encomendado pelo Ministério da Propaganda alemão e dirigido pela cineasta preferida de Hitler, Leni Riefenstahl. O filme se passa durante o 6º Congresso do Partido Nazista que ocorreu entre os dias 4 e 10 de setembro de 1934 em Nuremberg, cidade essa que já tem uma enorme representação para os nazistas, já que fica no mesmo estado, a Baviera, em que o Partido Nazista foi criado e era nessa cidade que aconteciam todos os congressos do partido, do início ao fim dele. Essa cidade simbolizava a reconstrução da Alemanha e a construção de um Império verdadeiramente forte e ali se reuniam os principais militares nazistas, soldados alemães e adeptos do partido mostrando, deste modo, a grande força do nazismo.

Nesse documentário constrói-se a imagem de Hitler não somente como um novo líder, mas como um “deus” e um “Profeta e o propagandista da nova era do Terceiro Reich” (RIBEIRO, 2010, p. 341). E essa produção grandiosa tem responsabilidade direta sobre a criação do mito do fuhrer benevolente, que salvaria a Alemanha de todas as atrocidades cometidas pelos inimigos maiores. O documentário é verdadeiramente forte – nos causa um enorme desconforto – e a partir dele – entende-se como Hitler se mostrava para os alemães, evidenciando seu caráter totalmente populista.

[...] Naturalmente, Hitler era o astro principal. Ele fez uma série de discursos a seus seguidores, e em seu primeiro discurso completo disse: “Hoje vocês estão sendo vistos não só por milhares de pessoas em Nuremberg, mas por toda a Alemanha – que também vê vocês aqui pela primeira vez”. O sentido era claro: ele estava dizendo que, graças à nova tecnologia do cinema, seus discursos aos fiéis membros do seu partido podiam agora ser vistos por todos na Alemanha” (URWAND, 2014, p. 48)

Leni Riefenstahl<sup>12</sup> montou sua própria companhia de filmes em 1932, o ano em que a depressão econômica na Alemanha estava em seu auge e Hitler havia feito a promessa de que se o Partido Nacional Socialista fosse eleito, a prosperidade iria voltar à Alemanha. Nesse momento, a cineasta se tornou sua amiga íntima, apoiando-o em sua campanha política. Quando Hitler chegou de fato ao poder, em janeiro de 1933, iniciou-se o fim da indústria independente de produção de filmes na Alemanha e o ministro da Propaganda Joseph Goebbels determinou prioridade para filmes de propaganda nazista. A cineasta produziu o primeiro filme propagandista “*Vitória da Fé*” (1933) celebrando o primeiro Congresso do Partido Nazista após o fuhrrer assumir o poder. Mas, o que teve maior sucesso foi o aqui já mencionado, o filme sobre o Congresso do partido Nacional Socialista de 1934, *O Triunfo da Vontade* (1935). Mais tarde, em 1936, Riefenstahl produziu *Olympia* (1936) como filme oficial dos jogos olímpicos de Berlim do mesmo ano e foi esse trabalho que projetou sua carreira internacionalmente. (RIBEIRO, 2010)

Curiosamente, o documentário é sobre o Congresso do Partido Nazista, porém, esse congresso em questão foi todo encenado para produzir o documentário, pois seria através dele que o povo alemão ficaria em êxtase com o governo do fuhrrer. Toda essa encenação deveria “convencer” sobre a grandiosidade do Nazismo seja aos presentes naquele filme ou nas pessoas que o veriam mais tarde, o que aborda uma ótica dos mitos presentes naquele momento, explorando todos os símbolos germânicos e também cristãos que encaminharia a Alemanha novamente às glórias do passado, num tom triunfalista.

[...] Como diz um antigo provérbio chinês “uma imagem vale dez mil palavras”. Pode-se não concordar com a frase se for tornada regra geral, mas é possível perceber seu sentido quando a construção cuidadosa de uma imagem diz muito mais do que as palavras que a acompanham. Esse é o caso de *O triunfo da Vontade*. Afinal, uma coisa é filmar a festa do partido em Nuremberg, outra é transformar por meio de imagens, o triunfo da vontade que reergueu a Alemanha numa epopeia de um homem só. (ROVAL, 2001, p. 74)

Ao utilizar elementos da cultura antiga alemã no documentário e utilizar truques cinematográficos extremamente modernos à época, Leni criou o filme para apresentar de forma heroica Hitler, demonstrando do início ao fim, o progresso que estaria por vir. Mostra com muita euforia todos os dias do congresso, deixando claro a felicidade dos alemães naquele

---

<sup>12</sup> Bertha Helene (Leni) Amalie Riefenstahl nasceu na Alemanha em 1902 e faleceu em 2003 no seu país de origem, dedicou-se as artes durante sua vida inteira, tendo como sua primeira paixão a dança e depois a atuação. Quando montou sua companhia de produção de filmes dirigiu o filme a Luz Azul em 1932 e a partir daí ganhou a admiração de Adolf Hitler.

momento, da criança até o mais velho participante. Nele a propaganda se mostrou aplicada com enorme perfeição à realidade, tornando difícil entender onde terminava a realidade e começava a encenação. O documentário busca apresentar como o partido gostaria de ser visto e recebido pela população, mostrando como a população louvava aquele novo líder que iria transformar o seu país.

[...] A intenção inicial era documentar os primeiros dias do NSDAP para que as futuras gerações pudessem olhar para trás e ver como começou o terceiro Reich. Na verdade, *Triump des Willens* mostra aos historiadores como o Estado Nazista manipulava as massas através da propaganda e também como Adolf Hitler tinha uma capacidade única e assustadora de atrair multidões para suas crenças através do poder de seu discurso. (OLIVEIRA; CENEVIVA, 2013, p. 2)

O documentário é dividido em 12 cenas, com duração total de 1 hora e 49 minutos, sendo uma grande realização do cinema da época, pois cada soldado, cada pessoa mostrada no documentário estava antecipadamente posicionado, algo calculado para encenar de fato a realidade, ilustrando o forte cunho propagandista através dos símbolos mostrados do início ao fim. A equipe de produção foi enorme, se comparada com os filmes da mesma época, contabilizando mais de 170 pessoas, 36 câmeras e recursos ilimitados de filmagem, mostrando o mesmo acontecimento por diversos ângulos para criar uma maior aproximação com o público.

As trocas de imagem durante o documentário faz com que o espectador fique apreensivo em querer saber o que vem depois pretendendo criar a todo momento uma relação de Hitler com um deus, mistificando o fuhrer, que era geralmente mostrado de baixo para cima, mostrando que ele estava em um nível acima das demais pessoas. Os elementos de persuasão, como as bandeiras, símbolos antigos da Alemanha, emblemas nazistas e depoimentos dos militares criaram uma aproximação de Hitler com o povo alemão, propondo que ele iria tornar a Alemanha grande novamente e o que os alemães deveriam esperar para o futuro do seu país. (PORTELLA, 2013)

### **3.3 O apoio das Multinacionais**

Os nazistas receberam um enorme apoio da população alemã, principalmente, dos multimilionários, banqueiros e donos de grandes empresas, porque a oferta de uma prosperidade ia além de qualquer possível imoralidade. Grandes multinacionais alemãs de sucesso – que são famosas até hoje – se beneficiaram desse governo e muitas tiveram uma grande proximidade com os líderes nazistas.

A Volkswagen nasceu durante o nazismo, com o famoso fusca. Em 1934, a Associação da Indústria Automobilística do Reich encomendou, com o engenheiro Ferdinand Porsche, a criação de um “Volkswagen”, ou seja, um carro do povo. Em 1937, a DAF (a Frente Trabalhista Alemã) tomou conta do projeto, dando origem ao popular Fusca. Quando começou a Segunda Guerra Mundial, a produção de carros civis deixou de ser uma prioridade da Volkswagen e a companhia teve que começar a fazer armamentos e a fábrica acabou não sendo totalmente finalizada. Durante a construção dessa fábrica, com a falta de trabalhadores, a empresa começou a utilizar a mão de obra forçada de prisioneiros de guerra, civis estrangeiros e pessoas que estavam presas em campos de concentração, chegando ao estimado número de cinco mil prisioneiros forçados a trabalhar na empresa. (MARCHESAN, 2017)

As empresas BMW e Mercedes Benz, diferentemente da Volks, foram fundadas antes mesmo da ascensão do nazismo. Porém, durante esse período, funcionaram como fornecedoras de equipamentos armamentistas para a indústria alemã. Essas empresas, inclusive, admitem que utilizaram mão de obra forçada na fabricação de motores de avião e automóveis para o exército nazista. (MARCHESAN, 2017)

A grife de Hugo Ferdinand Boss, a Hugo Boss, foi fundada em 1924 e fez uma remessa inteira de camisas marrons para o Partido Nacional Socialista, ao qual Hugo Boss se filiou em 1931. Durante a Segunda Guerra, a grife produziu uniformes para o exército nazista e outros grupos ligados ao partido, como a Waffen-SS. Assim como as outras empresas, a Hugo Boss também utilizou mão de obra forçada, a maioria mulheres francesas, prisioneiras durante a guerra. (MARCHESAN, 2017)

Além das empresas alemãs, Ben Urwand mostra em sua pesquisa como Hollywood financiou também o nazismo no seu início. Como mostramos no capítulo anterior, Hitler e Goebbels eram grandes amantes do cinema e sabiam claramente da capacidade de persuasão das massas através dos filmes. Goebbels cuidava da censura na Alemanha e decidia quais filmes poderiam ou não passar no país. Porém, Hollywood realizou um grande esforço para assegurar aos seus filmes o mercado alemão, se submetendo à censura nazista e cooperando com a propaganda do regime vigente, mostrando inclusive uma grande incoerência por parte dos grandes produtores, já que eles em sua maioria, eram judeus (URWAND, 2013)

[...] os homens que criaram o sistema de estúdios em Los Angeles eram imigrantes judeus descendentes do leste europeu. Entre eles estavam William Fox, fundador da Fox; Louis B. Mayer, diretor da MGM; Adolph Zukor, diretor da Paramount; Harry Cohn, diretor da Columbia Pictures; Carl Laemmle, diretor da Universal Pictures; e Jack e Harry Warner, que dirigiam a Warner Brothers. De 85 nomes envolvidos em

produção, segundo observou um estudo da década de 1930, 53 eram judeus. (URWAND, 2013, p. 75)

Segundo Urwand (2013), os executivos de Hollywood obviamente sabiam das atrocidades cometidas contra os judeus, a perseguição era de conhecimento geral na época. Acontece que, ao longo da década de 1930, os estúdios fizeram negócios com a Alemanha por ser um mercado consumidor fundamental de suas produções, tendo o próprio Hitler como um grande consumidor dos seus filmes. Esses acordos entre Hollywood e Hitler englobavam concessões, cortes de cenas e, em alguns casos, a censura explícita, imposta pelos líderes nazistas e respeitada pelos executivos americanos.

### **3.4 Resistências à ideologia nazista.**

Nos capítulos anteriores, buscamos conhecer e entender brevemente os fundamentos da ideologia nazista e como ela contribuiu para a adesão da grande maioria da sociedade ao nazismo. Esta ideologia pregava o ódio, discriminação e a perseguição a todos que se colocavam contra ela.

Nossa pesquisa também tem como objetivo entender “quem”, e quais grupos da sociedade Alemã resistiram e como lutaram individualmente ou em grupos contra o nazismo que foi se fortalecendo politicamente na Alemanha e no mundo no século XX.

Sabemos que durante o período que vigorou o regime ditatorial nacional-socialista na Alemanha, a maior parte dos intelectuais alemães tiveram que fugir de seu país e salvar suas vidas em outros países que lhes dessem asilo. Apesar disso, a produção acadêmica não cessou, e houve uma enorme resistência de parte dos intelectuais ao nazismo, com propostas para a reconstrução do país contrapondo-se à ideologia do ódio. Esses intelectuais tiveram que ultrapassar as barreiras da precariedade de recursos financeiros e técnicos, além, é claro, de se esquivar das possíveis perseguições dos oficiais nazistas. (DE ANDRADE, 2020)

À priori, iremos falar sobre a Escola de Frankfurt, escola de pensamento filosófico e sociológico, que nasceu como um projeto de intelectuais vinculados à Universidade de Frankfurt, na Alemanha.

Além do marxismo, os teóricos mais famosos da Escola de Frankfurt falaram sobre cultura, sobre totalitarismo e sobre política em geral. A filosofia foi o principal viés teórico usado para procurarem soluções para os conflitos de origem política e social do século XX.

A Teoria Crítica foi o que uniu os intelectuais da Escola, criando uma nova interpretação do marxismo e da política no início do século XX. Intelectuais como Theodor Adorno (1903-1969), Max Horkheimer (1896-1973), Herbert Marcuse (1898-1979) e Eric Fromm (1900-1980) ficaram conhecidos por conta das suas ideias ao participar da Escola, os intelectuais Walter Benjamin (1892-1940) e Siegfried Kracauer (1889-1966) viram suas obras serem ligadas posteriormente à Escola por causa de suas contribuições.

Após a Primeira Guerra Mundial, com a ascensão da União Soviética como uma grande potência socialista, o marxismo começou a ser muito debatido por toda a Europa, divergindo entre as ideias. Os intelectuais da Escola de Frankfurt, com base em uma Teoria Crítica, defendiam uma nova interpretação das ideias marxistas que se encaixasse na realidade do século XX, atendendo as demandas daquele período, ou seja, eles reuniam os elementos de Marx, fazendo uma crítica aos mais variados aspectos do cotidiano europeu, chegando a criticar o nazifascismo da Alemanha, fato importante para esse trabalho.

Em 1923 iniciou-se a construção do instituto de ciências sociais ligado à Universidade de Frankfurt, o Instituto de Pesquisas Sociais, propondo uma teoria crítica que fosse capaz de compreender a sociedade do início do século XX, por um viés marxista. Surgiu após a Primeira Semana de Trabalho Marxista, uma iniciativa de Félix Weil, um evento com a intenção de buscar uma nova interpretação do marxismo, de forma mais fiel às ideias de Karl Marx, porém, de forma que pudesse inserir no cenário vigente no século XX. O Instituto de Pesquisa Social teve uma parceria com o governo alemão e foi dirigido por Kurt Gerlach após a criação por um decreto oficial do ministério de educação alemão. O diretor do instituto morreu no mesmo ano e o cargo foi ocupado por Karl Grumberg até 1930. Nesse ano foi criado um escritório do Instituto em Genebra e em 1933, inicia-se uma filial do instituto na França, nesse ano, o governo nazista fechou o Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, que passou a funcionar com a sede em Genebra. (MOGENDORFF, 2012).

Esse grupo de intelectuais em questão, que eram em sua maioria de origem judaica, se inquietou principalmente com o apoio de várias classes sociais e sobretudo pelo aumento cada vez maior do apoio popular as ideologias de Adolf Hitler, de que para a Alemanha voltar a ser uma grande potência, deveria dar fim a todos os seus inimigos, os grandes culpados pelas mazelas do país. Tendo em vista o seu foco de pesquisa, a Teoria Crítica da sociedade, estudar o nazismo como um grande fenômeno do século XX é imprescindível e recebe uma especial atenção dos pesquisadores. Durante o exílio dos intelectuais da Escola de Frankfurt para dar continuidade ao desenvolvimento da pesquisa social, sua comunicação principal era através

de cartas. Em 1931, o instituto iniciou um estudo sobre a postura dos trabalhadores alemães em relação à República de Weimar, ao socialismo e à vida em geral. Os primeiros resultados mostraram a pouca capacidade de resistência intelectual por parte do movimento trabalhista em se opor à crescente opressão do regime totalitário. (BIRKENSTOCK, 2009)

Durante muito tempo, vários pesquisadores da área da história ou da psicologia acreditaram que o antissemitismo era apenas um detalhe para se entender o fascismo, porém, foi através dos pesquisadores de Frankfurt que o ódio aos judeus se tornou o principal foco de análise. Depois da Segunda Guerra Mundial, poucos pesquisadores exilados voltaram a Frankfurt e, os que voltaram, fizeram por responsabilidade social, para que a Alemanha não “acabasse sob a sombra Hitler, algo que teria ocorrido se a expulsão dos judeus tivesse sido aceita como fato consumado” (BIRKENSTOCK, 2009).

A resistência também surgiu por parte de grupos de jovens alemães, muitos dos quais se sentiam mal por serem obrigados a se filiar à Juventude Hitlerista, um desses grupos se chamou “Rosa Branca”, mas em 1943, seus líderes foram presos e executados por distribuir panfletos antinazistas. Muitos alemães, principalmente os filiados ao Partido Comunista da Alemanha, acreditavam que a morte violenta de Hitler era o maior feito de resistência. Por isso, ocorreram diversos atentados organizados contra a vida do líder nazista. (<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/german-resistance-to-hitler>. Acessado em: 20/02/2021.)

O poeta e dramaturgo Bertolt Brecht, que vivenciou o período de efervescência cultural durante a República de Weimar, teve que se exilar em 1933 por conta da ascensão do Partido Nacional Socialista na Alemanha. Durante seu exílio, a partir da teoria marxista, fez reflexões sobre a classe operária e sua relação com o nazismo, em diversos trabalhos que realizou. Debora El-Jaick Andrade, em seu artigo sobre as contribuições de Bertolt Brecht mostra como o escritor fez parte da resistência:

[...] O comprometimento com a causa dos “mais ignorados e os explorados” foi central na obra dramática e poética de Bertolt Brecht (1898-1956), cuja vida correspondeu quase que à primeira metade do século XX. Durante o entreguerras, nos anos que antecederam à Segunda Guerra Mundial, Brecht e outros exilados denunciavam os crimes do nazismo em países da Europa e nos Estados Unidos. Brecht não foi apenas idealizador do teatro épico proletário, mas se qualificou nas discussões internas ao marxismo para dar uma forma à sua arte emancipatória e para compreender o funcionamento do capitalismo e o sentido da política em regimes democráticos. (ANDRADE, 2018)

Diferentemente de muitos intelectuais da esquerda, Brecht não era filiado a nenhum partido, mesmo que tenha assumido o marxismo como sua visão de mundo. Em 1924, Brecht



deixa Munique e se estabelece em Berlim, que tinha uma vida cultural e noturna agitadas, excelente para os anseios artísticos do escritor. No entanto, Berlim também era conhecida pela enorme criminalidade, o que lhe provocava uma certa repulsa. (ANDRADE,2018)

Com Hitler no poder e a caça aos opositores do regime, o dramaturgo acabou buscando o caminho do exílio e se tornou um expatriado a partir da perda da cidadania alemã e, acabou passando por diversos países, o último deles foram os Estados Unidos. No exílio, as oportunidades para os artistas diminuíram muito, logo que estavam espalhados por vários lugares.

[...] Brecht contactava diretores e atores refugiados, em Paris, em Zurique, nos Estados Unidos, para poder encenar peças e constituir uma rede de solidariedade no exterior, na qual poucos queriam saber a respeito da violência que se implantara com o fechamento do Reichstag. Por isso, militantes, mas também intelectuais progressistas ou de esquerda, eram particularmente visados pelas autoridades do Reich, porque usavam seu prestígio e sua arte para denunciar ao mundo o que se passava na Alemanha. (ANDRADE, 2018)

Brecht acreditava em uma frente ampla de forças progressistas que pudessem lutar contra o fascismo, e defendeu essa ideia no poema “Quando o fascismo se tornava cada vez mais forte” (1926-1933):

[...] Mas diariamente também escreveu que só venceremos / Através de uma Frente Unida vermelha. / Camaradas, reconheçam agora que esse “mal menor” / Que ano após ano foi usado para afastá-los de / qualquer luta / Logo significará ter que aceitar os nazistas. / Mas nas fábricas e nas filas de desempregados / Vimos a vontade de lutar dos proletários. / Também na zona leste de Berlim os social-democratas / Saudaram-nos com as palavras “Frente Vermelha!” e já / usavam o emblema / Do movimento antifascista. (BRECHT, 2000, p. 95)

No exílio, Brecht editou e colaborou com jornais antifascistas e literários, escreveu peças declaradas contra o nazismo, como a “Terror e miséria no Terceiro Reich”, escreveu filmes como “A quem pertence o mundo”. O autor acompanhava com interesse a evolução do fascismo, estava sempre bem informado através dos jornais alemães e da rádio, dos amigos que lhe escreviam e do círculo de intelectuais alemães exilados. Ao longo dos anos, Brecht se pergunta por que os trabalhadores não se rebelaram e esperava que eles se conscientizassem de que a guerra não era favorável, que criassem as condições para uma revolução proletária. (ANDRADE, 2018)

Brecht acreditava fielmente em que a arte poderia contribuir para essa emancipação dos alemães e dos trabalhadores em um geral. Esperava ansiosamente a revolução a partir da constatação da ineficácia do nazismo, que partisse dos trabalhadores, mas ela nunca ocorreu, porém, sempre se mostrou resistente e leal aos seus ideais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historiografia atual valoriza o processo e a longa duração, como também, o esforço e o comprometimento de compreensão do surgimento e o desenvolvimento do nazismo, uma vez que interpretações necessariamente focadas somente na figura de Hitler como o único personagem desta ideologia acabam por se tornar rasas e incompletas. Nesse contexto, consideramos necessária essa nossa pesquisa, pois ao indagarmos as motivações, os recursos utilizados, as consequências na história alemã e fora dela, é possível que se tenha uma visão crítica sobre o que foi o nazismo de fato, o que nos ajudaria a evitar que essa história se repita nos dias de hoje.

Ao analisar o processo histórico da Alemanha até o século XX conseguimos identificar que a ideologia que inspirou a morte de milhões de pessoas se firmou dia após dia no imaginário alemão.

Refletindo sobre a ideologia nazista, conseguimos apreender os argumentos que justificariam esse ódio contra os judeus, comunistas, negros, deficientes entre outros grupos, que mostram a dificuldade do ser humano em se colocar no lugar do outro, acolhendo as diferenças existentes, não tendo empatia e solidariedade, ao contrário, se tornando seu inimigo. Isso só confirma que esse assunto deve ser cada vez mais debatido, pois o preconceito e o ódio ao diferente parece estar se tornando algo “normal”, quando sabemos as terríveis consequências destas posturas.

Concluimos, ainda que o historiador não deve, de forma alguma, menosprezar o poder da comunicação e a propaganda, pois é a partir delas que se consegue divulgar uma ideologia, massificar e “fazer a cabeça” da grande maioria da população que, antes, não pensaria daquela maneira, muito provavelmente. É papel do historiador buscar fazer o leitor entender a necessidade do senso crítico, da análise dos fatos e da procura, corajosa e insistente, da verdade. A ideia de que todos os alemães, sem exceção, apoiaram o nazismo é uma falácia e, a partir desse trabalho, conseguimos identificar alguns intelectuais e acadêmicos, entre outros, que conseguiram fazer uma resistência e denúncia das atrocidades do governo nazista.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Débora El-Jaick. “**O país onde não se pode mencionar o proletariado**”: reflexões de Bertolt Brecht sobre os trabalhadores alemães e o fascismo. *História* (São Paulo), v. 37, 2018.

ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Tradução: Roberto Raposo – 1ª edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2012

BARBOSA, Sílvio Henrique Vieira. **O Triunfo da Vontade**: Uma proposta de minutagem interpretativa da narrativa audiovisual do clássico de Leni Riefenstahl. In: XXXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO-INTERCOM. 2014.

BECKER, Jean-Jacques. **O Tratado de Versalhes**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BIRKENSTOCK, Gunther. **Exposição enfoca pensadores da Escola de Frankfurt**. 2009. Disponível em: ><https://p.dw.com/p/KzPI>> . Acesso em: 20/02/2021.

BRECHT, Bertolt. **Poemas 1913-1956**. São Paulo: Editora 34, 2000  
CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO-INTERCOM. 2014.

CHACON, Vamireh. **A questão alemã**. Ed. Scipione, 1994.

COGGIOLA, Osvaldo. "**O craque de 1929 e a grande depressão da década de 1930**." Crise, Revolução e Contra-Revolução. São Paulo, editora \_\_\_\_\_, sd.

COWAN, Paul. **Paris 1919**. Documentário. 94 minutos. Canadá: BFS Entertainment, 2009.

DE ANDRADE, Patrícia Helena Baialuna. **Resistência intelectual ao nazismo nos periódicos do exílio**. *Jangada: crítica| literatura| artes*, v. 1, n. 16, pp. 7-24, 2020.

ELIAS, Norbert. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Tradução: Álvaro Cabra — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997

FAUSTO, Boris. **A interpretação do nazismo na visão de Norbert Elias**. *Mana*, v. 4, n. 1, pp. 141-152, 1998.

FERRAZ, João Grinspum et al. **Cultura, nacionalismo na Alemanha entre 1898 e 1933: um estudo sobre o papel da Arte Moderna no contexto da formação da nacionalidade alemã, entre a Secessão de Berlim e a ascensão de Hitler**. Tese. São Paulo: PUC/ São Paulo. 2019.

HITLER, Adolf. **Mein Kampf**. 1925. Disponível em: ><http://library.lol/main/7E3306157587C56700BED37AFC1349B9>>. Acesso em: 20/01/2021.

HOBBSBAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

HOBBSBAWM, Eric. **A Era do capital: 1848-1875**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2015.

HOBBSBAWM, Eric J. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

KEYNES, J. M. **As Consequências econômicas da paz**/ John Maynard Keynes; tradução Sergio Bath – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

MAZZUCHELLI, Frederico. **Os anos de chumbo**. Economia e política internacional no entreguerras. Campinas: FACAMP/UNESP, 2009.

MOGENDORFF, Janine Regina. **A Escola de Frankfurt e seu legado**. *Verso e Reverso*, v. 26, n. 63, p. 152-159, 2012.

OLIVEIRA, Cleverton Lopes de; CENEVIVA, Fernanda. **Análise do documentário Triunfo da Vontade de Riefenstahl e do Fascismo na Alemanha**. *Revista Gestão Universitária*. 2013 (disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/analise-do-documentario-triunfo-da-vontade-de-riefenstahl-e-do-fascismo-na-alemanha>) Acesso em: 13/01/2021

PEREIRA, Wagner Pinheiro. “**Cinema e propaganda política no fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo**”. Revista História Questões & Debates, vol 38, n.o, 2003 (disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewArticle/2716>) Acesso em: 16/01/2021.

PORTELLA, Diego. **Propaganda Nazista**: Uma análise do documentário “Triunfo da Vontade” Curitiba: UNINTER, 2013.

REES, Laurence. **O Carisma de Adolf Hitler**: O homem que conduziu milhões ao abismo. Tradução: Alice Klesck – Rio de Janeiro: Leya, 2013.

RIBEIRO, R. R. Hitler - **do profeta ao arquiteto da "Era da catástrofe**; a construção da imagem do fuhrer no filme o triunfo da vontade. Mneme - Revista de Humanidades, v. 5, n. 09, 7 jul. 2010.

ROVAI, Mauro Luiz. **Imagem-movimento**, imagens de tempo e os afetos Alegres no filme O Triunfo da Vontade, de Leni Riefenstahl: um estudo de sociologia e cinema. 2001. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SBROCCO, Fernando Moreira. **A Alemanha no período entre-guerras**: um estudo sobre a hiperinflação e a ascensão do nazismo. Araraquara: Unesp/ Araraquara. 2011.

SIMÕES JUNIOR, Giovano Victor. **Três ensaios sobre a economia nazista**. Rio de Janeiro: UFRJ/ Rio de Janeiro. 2018.

United States Holocaust Memorial Museum. German Resistance to Hitler. **Holocaust Encyclopedia**. <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/german-resistance-to-hitler>. Acesso em: 20/02/2021.